

FRANCISCO B. GOMES

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

franciscojbgomes@gmail.com

UMA TERRACOTA DE ESTILO HELENÍSTICO
DA NECRÓPOLE DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES
(ALCÁÇER DO SAL): BREVES NOTAS.

AN HELLENISTIC STYLE TERRACOTTA FROM THE OLIVAL
DO SENHOR DOS MÁRTIRES NECROPOLIS
(ALCÁÇER DO SAL): BRIEF NOTES.

“Conimbriga” LIII (2014) p. 81-97

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_3

RESUMO: Dá-se a conhecer de forma detalhada uma terracota recolhida por Vergílio Correia na década de 1920 na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Trata-se de uma figura de tipo *kourotrophos*, datável de época romana republicana e que se integra num modelo iconográfico de fundo helenístico bem conhecido no Mediterrâneo Central e Ocidental mas raro no Ocidente Peninsular. Tratar-se-á de uma figuração de uma divindade nutricia e psicompompa de difícil identificação que terá plausivelmente sido utilizada no contexto dos rituais e do culto funerário.

PALAVRAS-CHAVE: terracota; *kourotrophos*; Olival do Senhor dos Mártires; iconografia helenística; ritual funerário

ABSTRACT: A detailed description of a terracotta exhumed by Vergílio Correia in the 1920s in the necropolis of Olival do Senhor dos Mártires is presented. It corresponds to a *kourotrophos* type figure dating to the roman republican period which is integrated in an iconographic model of Hellenistic background well known in

Conimbriga, 53 (2014) 81-97

the Central and Western Mediterranean but rare in the Western Iberian Peninsula. It is in all likelihood the representation of a nourishing and psychopomp deity difficult to identify which was plausibly used in the context of funerary rites and cult.

KEYWORDS: terracotta, *kourotrophos*, Olival do Senhor dos Mártires; hellenistic iconography; funerary ritual

They found the famed goddess near the road
just where they had left her. Then to the house
of their father they led her. She, grieved in her heart,
walked behind with veiled head. And her dark robe
swirled round the slender feet of the goddess.

(*The Homeric Hymn to Demeter*, vv. 179-183, trad.
Helene P. Foley. Princeton University Press, 1993.)

1. Notas prévias

A presente contribuição visa dar a conhecer uma terracota recuperada na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (FIG. 1) no decurso das escavações ali realizadas pelo Professor Vergílio Correia nos inícios do século XX que, apesar da sua raridade e do seu inegável interesse, permanece até ao momento virtualmente inédita, excepção feita a uma breve referência num dos artigos que aquele investigador dedicou à necrópole.

Essa sumária referência constitui, contudo, o único dado concreto de que dispomos sobre o contexto da peça que agora se analisa. Diz-nos, com efeito, o Professor de Coimbra que este «...*fragmento de estatueta, único, precioso espécime do género até hoje descoberto em Portugal...*» foi encontrado «...*joeirado avulso entre a terra remexida da necrópole...*» (CORREIA 1925: 166); voltaremos a este dado mais adiante.

Quanto às características da peça em causa, V. Correia descreve-a como «...*arcaicamente helénico quanto ao estilo, semelhante às mais antigas figurinhas dos hipogeus cartaginezes de Ibiza, busto de deusa desconhecido ou de korai votiva...*» (*ibidem*). Esta descrição demonstra a habitual perspicácia deste investigador, que ainda que com algum desfase, nomeadamente cronológico, justificável à luz dos conhecimentos da época, evoca para enquadrar esta terracota um ambiente cultural que, como teremos oportunidade de ver, se pode considerar genericamente correcto.

Aparentemente esta figura coroplástica acabou por integrar a colecção particular do Professor Faria Gentil, então proprietário do terreno onde se localiza a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, sendo visível numa das fotografias com que M^a. de Lourdes Costa Arthur ilustra o seu estudo dos materiais dessa colecção (ARTHUR 1952), sem que contudo apareça no corpo de texto qualquer menção à terracota.

À semelhança dos restantes materiais daquela colecção, esta peça acabou por ser depositada no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, onde se preserva e onde tive oportunidade de proceder ao seu estudo no quadro de um trabalho actualmente em curso de revisão integral do espólio da necrópole alcacerense.

2. A terracota: descrição e características técnicas

Tal como já referido por V. Correia a terracota a que dedico estas linhas (FIG. 2) corresponde a um fragmento, concretamente à porção superior, de uma estatueta de maiores dimensões. Apresenta 6,5 cm de comprimento máximo conservado por 4,15 cm de largura máxima; a espessura máxima é de 3,25 cm. Trata-se de uma figura feminina provavelmente estante, fragmentada sensivelmente pela altura do pescoço; apesar do seu estado muito incompleto parece-me quase seguro que se trataria de uma figura curotrófica, segurando ou mais provavelmente amamentando um recém-nascido ou uma criança de tenra idade.

A figura em apreço ostenta um véu sobre o cabelo que lhe cai sobre os ombros e as costas e sob o qual se figura o cabelo, encaracolado; as feições, que parecem ter sido relativamente finas, encontram-se desgastadas, sem que se possa aferir se esse desgaste se deve à qualidade do molde – poderia, por exemplo, denotar um fenómeno de sobre-moldagem – ou ao desgaste decorrente da sua história pós-deposicional.

Esta segunda hipótese ganha maior consistência se atendermos ao facto de outros detalhes conservarem um assinalável grau de nitidez; é o caso da orelha sobressaindo do cabelo no lado esquerdo da peça ou da trança descendente que se nota de forma nítida nesse mesmo lado.

Quanto à indumentária envergada pela personagem representada, pouco se pode dizer, conservando-se tão-somente a gola do que seria, sem dúvida, uma vestimenta longa, por ventura um *himation*.

No que diz respeito ao personagem infantil que acompanharia esta personagem feminina o único elemento que se conservou foi uma pe-

quena mão bastante bem representada que sujeita a gola da mencionada vestimenta, que pelas suas dimensões e ângulo não pode, em nenhuma circunstância, corresponder à mão da própria personagem feminina.

A posição desta mão e uma certa assimetria que se aprecia na gola da vestimenta supracitada parecem sugerir que a figura feminina seria representada amamentando a figura infantil, embora o grau de conservação desta terracota não permita afirmá-lo de forma taxativa e existam, dentro do grupo iconográfico das figuras curotróficas, outras modalidades de representação.

O verso desta peça, por outro lado, é plano, apontando portanto para o facto de a mesma ter sido produzida num molde univalve (cf. SAN NICOLÁS 1987: 42-43; NIVEAU e CÓRDOBA 2003: 132; Niveau 2009: 50), técnica bem atestada em outros exemplares que podem relacionar-se, tanto iconográfica como crono-culturalmente, com a terracota de Alcácer (cf. *infra*).

Como resultado desta técnica produtiva a porção superior da peça, correspondente ao véu e à cabeça da figura feminina, é maciça, ao passo que à altura do busto se torna oca, o que justifica por outro lado a conservação diferencial registada.

Resta, neste ponto, aludir às características técnicas da pasta utilizada para a produção desta terracota. A sua análise macroscópica permite afirmar que se utilizaram argilas de matriz provavelmente calcária bem depuradas, verificando-se uma presença residual de elementos não plásticos, de muito pequenas dimensões e difícil identificação, sendo o resultado uma terracota de textura suave e pulverulenta. A cozedura da peça parece ter sido redutora, resultando numa coloração cinzenta clara uniforme.

3. Paralelos, origens e cronologia

Como tive oportunidade de mencionar V. Correia assinalava, já na década de 20, a excepcionalidade desta peça no contexto do território nacional, tendo-se visto obrigado a recorrer como paralelos a exemplares ibicencos claramente pertencentes à esfera púnica. Noventa anos volvidos sobre as suas considerações o panorama que se pode traçar sobre as figurações curotróficas é consideravelmente distinto, mas a sua raridade e excepcionalidade no contexto do Ocidente peninsular permanece virtualmente inalterado.

Com efeito, o único exemplar deste tipo de figura que conheço no actual território português é uma outra terracota recentemente exumada no povoado das Mesas do Castelhinho (Almodôvar) (ESTRELA 2013: 674 e FIG. 5) que constitui um paralelo praticamente exacto para a peça de Alcácer, podendo quase suspeitar-se que terão saído do mesmo molde, ainda que as características da pasta do exemplar do interior alentejano sejam distintas das da peça em apreço (*ibidem*, cf. *infra*).

Importa, assim, reter os importantes dados contextuais que a terracota das Mesas do Castelhinho permite aduzir para o exemplar em estudo. Esta outra estatueta integrava um depósito fundacional localizado no vão de entrada de um compartimento doméstico, estando acompanhada por um conjunto artefactual cuja datação se situa, sem margem para dúvidas, no século II a.n.e., e possivelmente na primeira metade/meados daquela centúria (*idem*: 673-674).

Este enquadramento numa fase precoce da Romanização do sítio, bem como a associação contextual da terracota a elementos claramente importados terá justificado a sua interpretação como um elemento mais de produção itálica (*idem*: 674), hipótese de resto plausível embora, como veremos, se possam aduzir outras possibilidades.

Estendendo esta análise para lá dos limites das actuais fronteiras portuguesas, importa referir que os protótipos das peças de que nos ocupamos se devem buscar em ambientes propriamente helénicos (HADZISTELIOU-PRICE 1978; MARÍN CEBALLOS 1987: 61), embora a modalidade iconográfica de que nos ocupamos tenha conhecido o seu momento de máxima difusão a partir de época helenística, sendo muito expressiva a sua difusão no contexto do Mediterrâneo centro-occidental onde, através da Sicília, penetrarão igualmente no mundo púnico (*ibidem*; cf. tb. ALMAGRO 1967; CHÉRIF 1997: 31-34).

Como já por várias vezes foi sublinhado, o modelo da *kourotrophos* conheceu também uma particular popularidade no âmbito Ibérico (MARÍN CEBALLOS 1987: 62) e em especial na região do Sudeste correspondente às áreas Contestana e Bastetana (cf. HORN 2011: 172), estando amplamente representado em época pré-romana por um conjunto de figuras femininas, geralmente entronizadas, amamentando um recém-nascido, que seguem nalguns casos modelos helenísticos embora, noutros casos, correspondam mais exactamente a reformulações locais do conceito iconográfico geral. Voltaremos, mais adiante, a alguns pontos respeitantes à interpretação destas peças.

Mais interessantes, por ventura, para a contextualização da peça

de que me venho ocupando nestas páginas, são os exemplares de figuras curotróficas que se têm vindo a documentar, nos últimos anos, na área da Baía de Cádiz (NIVEAU e CÓRDOBA 2003: 130-132 e FIG. 6; NIVEAU 2009: 49-51 e LÁM. 7; CORZO SÁNCHEZ 2007) e que parecem corresponder a uma produção dos *ateliers* coroplásticos da antiga metrópole de fundação fenícia de *Gadir* (NIVEAU 2009: 51).

É necessário precisar que estas peças correspondem a um modelo iconográfico muito específico e bastante estandardizado – figuras femininas estantes segurando uma criança de tenra idade num dos braços –, semelhante mas não totalmente idêntico ao das peças portuguesas, e que recentemente se procurou diferenciar do modelo da *kourotrophos* em sentido estrito por não representarem o gesto de amamentar (CORZO SÁNCHEZ 2007: 206; cf. tb. NIVEAU 2009: 57).

Tal distinção parece-me, contudo, algo supérflua, na medida em que, como bem demonstrou V. Pirenne-Delforge (2004: 172-175) em estudo dedicado à fugidia figura divina designada em Atenas precisamente como *Kourotrophos*, o campo semântico desta designação, usada com certa frequência no mundo grego como epíteto ou epiclese divina, abrange não apenas o aleitamento mas também tudo o que diga respeito aos cuidados com a infância – à puericultura, se quisermos utilizar o termo contemporâneo – e ao desenvolvimento da criança até ao limiar da maturidade.

Voltando ao tema em questão importa salientar que os exemplares da área da Baía de Cádiz, e em particular os que se documentaram na actual área urbana de Cádiz, oferecem alguns dados de importância para a interpretação da peça que aqui nos ocupa. Com efeito, é digna de nota a sua sistemática associação contextual aos chamados “*pebeteros*” em forma de cabeça feminina (MARÍN CEBALLOS e HORN 2007; MARÍN CEBALLOS e JIMÉNEZ FLORES 2014), com os quais de resto desde há muito se têm relacionado do ponto de vista da iconografia e do contexto religioso e cultural (MARÍN CEBALLOS 1987), associação cujo significado procurarei discutir mais adiante.

Por outro lado, os exemplares gaditanos oferecem contextos funcionais relevantes como confronto para o da peça alcacerense. Com efeito, há a assinalar a presença de peças deste tipo em ambientes de culto – caso do santuário de La Algaida (CORZO SÁNCHEZ 2007) – bem como, o que é talvez mais interessante para o caso vertente, em ambientes de necrópole, quer numa estrutura de cariz cultural relacionada com os ritos e o culto funerário (NIVEAU e CÓRDOBA 2003) quer numa fossa

que terá albergado os restos de uma (ou mais) cerimónia(s) relacionada(s) com esses ritos e culto (NIVEAU 2009). As terracotas não parecem, por outro lado, ter sido depositadas em sepulturas como oferendas propriamente ditas, facto que recorda lógicas deposicionais semelhantes documentadas no mundo Ibérico (HORN 2011: 194).

Finalmente, os exemplares gaditanos oferecem-nos alguns dados cronológicos importantes. Os estudos que se têm dedicado à introdução em *Gadir* dos modelos de “*pebetero*” em forma de cabeça feminina e, por extensão, das figuras curotróficas que se lhes têm insistentemente associado sugerem que essa penetração de um modelo cujas origens no mundo centro-mediterrâneo estão bem estabelecidas (MARÍN CEBALLOS 2001) se terá verificado em época bárcida, prolongando-se esta produção coroplástica até momentos republicanos (NIVEAU 2009: 53-54).

Os contextos em que se identificaram as peças de tipo *kourotrophos* de Cádiz podem datar-se, com efeito, e julgando pelos materiais cerâmicos associados, de momentos muito tardios do século III ou mesmo dos inícios do século II (NIVEAU e CÓRDOBA 2003: 132-134; NIVEAU 2009: 43), o que corresponderia de facto a um momento enquadrado pela II Guerra Púnica e pela entrada do Sudoeste peninsular na órbita do poderio romano como resultado da derrota de Cartago naquele conflito.

Interessante também é a asserção de uma via especificamente púnica para a introdução em *Gadir* destes tipos iconográficos (NIVEAU 2009: 53-54), que parece sem dúvida uma alternativa viável à luz da matriz cultural daquela metrópole e da cronologia específica das peças exumadas.

Como conclusão deste apartado gostaria de regressar ao exemplar de Alcácer e de tecer algumas considerações assentes nos dados aduzidos a partir dos paralelos antes enunciados.

Desde logo, creio que se pode estabelecer, sem reservas de maior, uma cronologia dentro da época romana republicana para a terracota de que nos temos vindo a ocupar. Com efeito, e como vimos, a introdução deste tipo iconográfico no Sudoeste peninsular não parece ser anterior ao final do século III a.n.e., e o melhor paralelo disponível para a peça alcacerense – o exemplar de Mesas do Castelhinho – pode situar-se firmemente no século II a.n.e..

Não dispondo de nenhum dado ou associação contextual para a peça aqui estudada, não me parece pertinente avançar com qualquer precisão adicional quanto à sua cronologia, embora me pareça lícito afirmar que se tratará seguramente de uma peça relativamente antiga

dentro da fase republicana, enquadrada possivelmente, como a sua congénere de Almodôvar, na primeira metade/meados do século II a.n.e..

A presença de uma peça com esta cronologia na necrópole alcacerense não deve surpreender, pois embora exista um persistente défice de informação para o período que medeia o hipotético fim da utilização sidérica em meados do século IV a.n.e. (FABIÃO 1998: 350-366; ARRUDA 1999-2000: 73-74) e a implantação da necrópole alto-imperial da Azinhaga do Senhor dos Mártires (PAIXÃO 1979; 1981; GOMES 2013) a presença de materiais de cronologia republicana foi já assinalada (DELGADO 1971; FABIÃO 1998: 354).

Como vimos ao analisar as parcas referências de V. Correia a esta figura coroplástica a mesma proviria, ao que parece, de um contexto secundário, de revolvimento. Tal facto não parece surpreendente, visto que o terreno da necrópole foi intensamente agricultado, facto que de resto propiciou a sua descoberta no século XIX, tendo esses trabalhos agrícolas afectado sobretudo as sepulturas mais tardias (da II Idade do Ferro e, caso tenham existido, republicanas¹).

Gostaria, não obstante, e como mera hipótese de trabalho, de sugerir que a peça que venho analisando poderia igualmente encontrar-se depositada noutro tipo de contexto que não uma sepultura, o que justificaria a sua aparente descontextualização. Tive já oportunidade de referir o facto de este e outros tipos de terracotas serem frequentemente depositados em necrópoles em contextos não-sepulcrais, tais como pequenas capelas funerárias e fossas votivas resultantes de banquetes e/ou outros rituais, facto atestado não apenas em Cádiz (NIVEAU e CÓRDOBA 2003; NIVEAU 2009) mas também no mundo Ibérico (HORN 2011: 194), pelo que a hipótese de a peça alcacerense ter conhecido semelhante destino me parece, pelo menos, plausível.

Gostaria, por fim, de dedicar uma última nota à questão da eventual origem da *kourotrophos* alcacerense. Como vimos, são essencialmente duas as hipóteses avançadas para peças congéneres: a hipótese de uma

¹ Note-se que em nenhum dos episódios de intervenção na necrópole se exumaram contextos republicanos propriamente ditos, embora sejam relativamente abundantes os materiais desse período; tal facto poderia dever-se, nesta óptica, ao facto de as putativas sepulturas, muito superficiais, terem sido previamente destruídas pela lavoura ou, alternativamente, ao facto de os materiais republicanos corresponderem a outro tipo de utilização do espaço, porventura cultural. O estudo em curso do conjunto republicano permitirá aferir novos dados sobre este problema.

produção itálica avançada para a terracota de Mesas do Castelinho e a hipótese de uma produção na Baía de Cádiz sustentada na análise dos exemplares exumados nessa região e na presença, bem documentada, de um *atelier* coroplástico em Gadir.

As características da peça alcacerense não permitem, numa análise macroscópica, extrair dados adicionais que permitam esclarecer taxativamente a questão, embora as características gerais do seu fabrico me pareçam genericamente consentâneas com as de outros produtos das olarias gaditanas, pese embora a peculiaridade da sua cozedura redutora.

Não tendo um conhecimento em primeira mão do exemplar de Mesas do Castelinho não posso tecer quaisquer considerações sobre ele, embora deva dizer que a «...*argila depurada de cor bege...*» com que se produziu (ESTRELA 2013: 672) poderia perfeitamente, e na ausência de outros indicadores diferenciados, corresponder também a um fabrico gaditano. Futuros trabalhos poderão, porventura, contribuir para dilucidar esta questão.

4. Significado cultural e religioso

Apesar de reconhecer as imensas dificuldades inerentes às leituras iconográficas, sobretudo aplicadas a elementos isolados e de problemática contextualização como aquele de que me venho ocupando, julgo imprescindível, mesmo numa breve contribuição como esta, abordar o problema da identificação da figura representada, ainda que a nota resultante dessa abordagem seja essencialmente pessimista quanto às possibilidades de obter respostas seguras.

Como ficou dito acima a origem da iconografia da *kourotrophos* deve buscar-se no mundo grego, onde o seu desenvolvimento e complexificação foi amplamente estudado por T. Hadzisteliou-Price (1978). Mesmo aí, contudo, e apesar da existência de múltiplas fontes de informação – da iconografia e da epigrafia à mitografia e à literatura – a identificação das figuras curotróficas não é, de todo em todo, simples nem unívoca.

Com efeito, são múltiplas as divindades e personagens mitológicas que, pela sua natureza nutricia ou por um qualquer aspecto mitológico das suas biografias, foram representadas com atributos curotróficos (HADZISTELIOU-PRICE 1978: 189-195; sobre o caso ateniense, v.

PIRENNE-DELFORGE 2004), e a identificação de uma qualquer imagem com uma personagem específica dependeria muito, sem dúvida, de aspectos contextuais que em muitos casos escapam à nossa compreensão.

Num esforço de simplificação – por ventura abusivo – poderia dizer-se que as divindades mais frequentemente conotadas com atributos curotróficos nos ambientes helénicos são Gê – a Terra –, Hestia e, sobretudo, Deméter, quer pela sua associação maternal a Koré-Perséfone quer pelo seu papel de ama-de-leite do príncipe Démophon de Elêusis, narrado no Hino Homérico a Deméter (cf. PIRENNE-DELFORGE 2010: 687-691).

Podemos assumir, contudo, e dada a importância assumida por Deméter e Koré no contexto siciliota (WHITE 1964), que o desenvolvimento do tipo iconográfico da *kourotrophos* no mediterrâneo central em época helenística terá estado sobretudo ligado ao culto das deusas eleusinas. Bem assim, e tal como se tem insistido para o caso dos “*pebetes*” em forma de cabeça feminina, a adopção deste tipo iconográfico no mundo púnico deverá resultar da bem conhecida introdução do culto de Deméter e Koré em Cartago em 396 a.n.e. (XELLA 1969; LIPINSKI 1995: 374-380; PENA 1996).

Uma vez introduzida no mundo púnico a iconografia da *kourotrophos*, que se manterá sem dúvida por um lado associada ao culto de Deméter-Koré a par de outros tipos iconográficos característicos (SAN NICOLÁS 1981; PENA 1996), parece ter sido igualmente adaptada ao culto de Tanit (MARÍN CEBALLOS 1987: 61-62), a principal deusa do panteão cartaginês (LIPINSKI 1995: 199-215).

Num trabalho já clássico, M. C. Marín Ceballos procedeu à análise dos exemplares de figuras curotróficas documentados na Península Ibérica (*idem*: 58; 65), e muito em particular na área Ibérica, tendo defendido que essas peças deverão corresponder, também elas, a figurações da divindade cartaginesa. Por razões que seguidamente exporei não comparto necessariamente dessa interpretação, julgando pelo contrário que o panorama subjacente a esta iconografia deve ser significativamente mais complexo.

Finalmente, e chegando ao Sudoeste, a questão da identidade das figuras curotróficas foi sobretudo discutida para o caso de Gadir, onde a análise tendencialmente pendeu para a sua identificação como Tanit (NIVEAU e CÓRDOBA 2003; NIVEAU 2009), embora as dificuldades inerentes ao panorama que temos vindo a traçar tenham sido devidamente sentidas e expressas.

O caso das figuras do actual território português, e concretamente daquela de que nos ocupamos, é ainda mais difícil de interpretar, visto que a sua presença se deve relacionar já com o contexto da conquista romana, e nesse sentido poderia ainda evocar outras divindades nutritivas e eurotróficas do âmbito cultural itálico, como por exemplo Ceres, fortemente influenciada pela Deméter grega (LE BONNIEC 1958; HADZISTELIOU-PRICE 1978).

Não me parece que possamos alcançar uma qualquer resolução definitiva no que diz respeito à questão da identificação destas personagens divinas, nem estou seguro de que uma tal resolução seja desejável pois muito provavelmente passaria por uma redução de um panorama muito complexo a umas coordenadas simplificadas e, portanto, redutoras em que as divindades do âmbito mediterrâneo, cujos nomes nos são legados por múltiplas fontes, acabarão sempre por ter uma excessiva visibilidade em detrimento das mais que prováveis divindades locais que, devido às vicissitudes da história, permanecem anónimas, mas que deverão ter participado deste complexo jogo de aproximações, interpretações e sincretismos.

Sem querer incorrer em generalizações e essencialismos indevidos, o problema de fundo que torna a questão da identificação destas figuras tão sumamente complexo é que cada uma das divindades mencionadas – e, de resto, muitas outras – parece ser, de alguma forma, uma expressão culturalmente específica de uma figura divina estrutural e estruturante que pertence a um antiquíssimo fundo comum mediterrâneo (cf. MARÍN CEBALLOS 1987: 64, *passim*) e que, à falta de melhor termo, poderemos designar, como por vezes se fez, até abusivamente, como Deusa-Mãe.

Essa raiz comum, embora tenha dado frutos muito distintos consoante os ambientes culturais em que se desenvolveu, justifica a existência de determinados rasgos estruturais comuns que ajudam a compreender a facilidade com que inúmeras divindades femininas se aproximam, se identificam, se assimilam, sincretizam e fundem no contexto complexo de efervescente interacção cultural que caracteriza o Mediterrâneo Antigo.

Dito isto, creio que se podem tecer, como conclusão, algumas considerações adicionais sobre o significado da terracota alcacerense. Desde logo, deve-se enfatizar o seu contexto, funerário, sem dúvida, ainda que não necessariamente sepulcral.

Como houve já ocasião de mencionar, a presença de figuras euro-

tróficas em necrópoles não é, de todo, inusitada, já que, tal como recorda M. C. Marín Ceballos (1987: 64), «...*la divinidad nutricia es también la que protege en el trance de la muerte, según un concepto primario de la fenomenología religiosa*». Com efeito, qualquer das divindades antes aludidas – Deméter, Tanit, Ceres... – compartilham essa ambivalência funcional, sendo em simultâneo divindades telúricas, da fecundidade e da fertilidade, e divindades ctónicas, de marcado cariz psicopompo.

Pode-se assim presumir que a presença desta terracota na necrópole não seria fortuita, e que esta terá feito parte do aparato de um qualquer rito ou culto funerário que, na ausência de outros dados contextuais, não podemos restituir.

5. Considerações finais

A terracota objecto deste estudo constitui, sem lugar a dúvidas, uma peça excepcional no contexto da fachada atlântica peninsular, tanto pela sua raridade como pela sua contextualização cronológica num momento de transição para a esfera de influência de Roma cujo conhecimento continua a ser algo deficitário.

Trata-se, por outro lado, de um importante documento para o conhecimento da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, cujas fases finais, anteriores à transferência da necrópole para a área da Azinhaga do Senhor dos Mártires, continuam a ser uma incógnita. Espera-se que, na esteira desta modesta contribuição, novos trabalhos e desenvolvimentos futuros permitam caracterizar melhor essas fases e reforçar as considerações aqui tecidas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, María José (1967) – *Corpus de las terracotas de Ibiza*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1952) – Necrópolis de Alcácer-do-Sal (Colección del Prof. Dr. Francisco Gentil). In *Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional*, Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”, p. 369-380.

- CHÉRIF, Zohra (1997) – *Terres cuites puniques de Tunisie*. Roma: Bonsignori.
- CORREIA, Vergílio (1925) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos* 1:7, p. 347-363.
- CORZO SÁNCHEZ, Ramón (2007) – La coroplastia del santuario de La Algaida (Sanlúcar de Barrameda, Cádiz). In MARÍN CEBALLOS, María Cruz & HORN, Frédérique (eds.), *Imagen y culto en la Iberia prerromana. En torno a los llamados “pebeteros en forma de cabeza femenina”*. Sevilla: Universidade de Sevilla, p. 195-217.
- DELGADO, Manuela (1971) – Cerâmica Campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 403-420.
- ESTRELA, Susana (2013) – Um depósito fundacional do século II a.C. em Mesas do Castelhinho (Almodôvar). Uma análise preliminar. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea & NEVES, César (coords.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 671-679.
- FABÃO, Carlos (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- GOMES, Francisco (2013) – Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal depositados no Museu Nacional de Arqueologia. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea & NEVES, César (coords.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 813-820.
- HADZISTELIOU-PRICE, Theodora (1978) – *Kourotrophos. Cults and Representations of the Greek Nursing Deities*. Leiden: E. J. Brill.
- HORN, Frédérique (2011) – *Ibères, Grecs et Puniques en Extrême-Occident. Les terres cuites de l'espace Ibérique du VIIIe au IIe siècle av. J.-C.*. Madrid: Casa de Velázquez.
- LE BONNIEC, Henri (1958) – *Le culte de Cérès à Rome. Des origines à la fin de la République*. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- LIPINSKI, Edward (1995) – *Dieux et déesses de l'univers phénicien et punique*. Leuven: Peeters.
- MARÍN CEBALLOS, María Cruz (1987) – ¿Tanit en España?. *Lucentum* 6, p. 43-79.
- MARÍN CEBALLOS, María Cruz (2004) – Observaciones en torno a los pebeteros en forma de cabeza femenina. In GONZÁLEZ BLANCO, Antonino; MATILLA SÉIQUER, Gonzalo & EGEA VIVANCOS, Alejandro (eds.), *El Mundo Púnico. Religión, Antropología y Cultura Material. Actas del II Congreso Internacional del Mundo Púnico (Cartagena, 2000)*, Murcia: Universidad de Murcia, p. 319-335.
- MARÍN CEBALLOS, María Cruz & HORN, Frédérique (eds.) (2007) – *Imagen y culto en la Iberia prerromana. En torno a los llamados “pebeteros en forma de cabeza femenina”*. Sevilla: Universidade de Sevilla.
- MARÍN CEBALLOS, María Cruz & JIMÉNEZ FLORES, Ana María (2014) – *Imagen y culto en la Iberia prerromana II. Nuevas lecturas sobre los pebeteros en forma de cabeza femenina*. Sevilla: Universidade de Sevilla.
- NIVEAU, Ana María (2009) – De Diosas Gaditanas. A propósito de un nuevo conjunto

- de terracotas procedente de la necrópolis de *Gades*. *Anales de Arqueología Cordobesa* 20, p. 35-66.
- NIVEAU, Ana María & CÓRDOBA, Ignacio (2003) – Algunas consideraciones sobre la religiosidad de *Gadir*. Nuevos datos para su estudio. *Saguntum* 35, p. 123-145.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1979) – Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires. *Informação Arqueológica* 2, p. 76-79.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1981) – Intervenção de emergência na Necrópole romana da Azinhaga do Senhor dos Mártires – Alcácer do Sal – Distrito de Setúbal. *Informação Arqueológica* 4, p. 165-169.
- PENA, María José (1996) – El culto a Deméter y Core en Cartago. Aspectos iconográficos. *Faventia* 18:1, p. 39-55.
- PIRENNE-DELFORGE, Vinciane (2004) – Qui est la Kourotrophos athénienne?. In DASEN, V. (ed.), *Naissance et petite enfance dans l'Antiquité*, Fribourg/Göttingen: Academic Press Fribourg/ Vandenhoeck & Ruprecht Göttingen, p. 171-185.
- PIRENNE-DELFORGE, Vinciane (2010) – Nourricières d'immortalité: Déméter, Héra et autres déesses en pays grec. *Paedagogica Historica* 46:6, p. 685-697.
- SAN NICOLÁS, María Pilar (1981) – Testimonio del culto a Demeter-Persephone en Ibiza. *Archivo Español de Arqueología* 54, p. 27-35.
- SAN NICOLÁS, María Pilar (1987) – *Las terracotas figuradas de la Ibiza púnica*. Roma: CNR.
- WHITE, Donald (1964) – Demeter's Sicilian cult as a political instrument. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 5:4, p. 261-279.
- XELLA, Paolo (1969) – Sull'introduzione del culto di Demetra e Kore a Cartagine. *Studi e Materiali di Storia delle Religioni* 40:1-2, p. 215-285.



FIG. 1 – *Localização da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires no território actualmente português.*



FIG. 2 – *Figura feminina em terracota de tipo kourotrophos da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires.*